

DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DOS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM: TEORIA DE SARA PAÍN

Elaborado por: Pós-doutor Thomaz Décio Abdalla Siqueira¹

RESUMO

A abordagem teórica de Sara Paín nos transporta para uma percepção relacional entre Aprendizagem e Educação. Na qual, a Aprendizagem, enquanto processo, é parte integrante da dinâmica da propagação da cultura. Estabelecendo, assim, uma definição expandida da palavra Educação. Apresenta-nos, também, quatro funções que mantêm uma relação de dependência recíproca entre a própria dita Educação escolar básica: a) Função mantenedora: a educação torna-se responsável pela continuidade da espécie humana à medida que transmite, à cada indivíduo, através do processo ensino-aprendizagem o conjunto de regras e normas que regem a conduta humana, e torna possível a convivência em sociedade baseada nas aquisições culturais - de uma determinada civilização - adquiridas ao longo do tempo. A importância da genética que nos garante a transmissão e a dita continuidade do comportamento animal. E, a Educação garante a transmissão/continuidade do comportamento humano através da Aprendizagem. b) Função socializadora: para o indivíduo transformar-se em sujeito social precisa aprender os códigos e normas que regem o grupo social em que vive. Sendo assim, a Educação não ensina-lhe a comer, a falar ou a cumprimentar. Mas, como executar cada uma dessas ações, dentro das regras e normas sociais que permitem a convivência em sociedade. Há dois tipos distintos de socialização; a que ocorre pela simples internalização do conjunto de normas do superego e a que ocorre, à partir, da compreensão ou conscientização da origem, articulação, limitação e função de cada modalidade de ação que tornam a vida em sociedade possível.

Palavras-chave: Sara Paín; Função mantenedora; Função socializadora; Função repressora; Função transformadora.

¹ Presidente da Comissão Própria de Avaliação – CPA. Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho – USP; Doutor em Psicologia Clínica – USP; Mestre em Psicologia Social – Universidade de Okayama – Faculdade de Letres (Japão). Professor Titular, Classe E da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEF da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. *E-mail:* thomazabdalla@ufam.edu.br

Sara Paín (Buenos Aires, 1931) é uma psicóloga argentina. Doutora em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires e em Psicologia pelo Instituto de Epistemologia Genética de Genebra.

CARREIRA:

Foi professora de psicologia na Universidade Nacional de Buenos Aires e Mar del Plata por quinze anos. Por motivos políticos teve de se exilar na França, onde reside desde 1977. Foi professora da Universidade Paris XIII e da Faculdade de Psicologia em Toulouse. Também trabalhou para a Unesco em missões de assessoria relacionadas a problemas de inteligência e aprendizagem. Atualmente, participa da formação e pesquisa em várias universidades e centros de educação na França, no Brasil e na Argentina.

No Brasil, foi consultora científica do projeto Geempa (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação) de Porto Alegre e do Cevec (Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz e da Escola Experimental), em São Paulo. Também desenvolveu várias atividades e ministrou o curso "A função da ignorância na construção do conhecimento".

OBRAS:

- *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem* (tradução no Brasil de 1985);
- *A Função da ignorância* (tradução no Brasil de 1999);
- *Psicometria genética* (tradução no Brasil de 1992);
- *Teoria e técnica da arte-terapia* (Co-autoria com Gladys Jarreau);
- *A gênese do inconsciente*;
- *Psicopedagogia operativa*.

O processo de aprendizagem se inscreve na dinâmica da transmissão da cultura, que constitui a definição mais ampla da palavra educação.

A partir desta linha de pensamento, atribui-se à educação quatro funções interdependentes. São elas:

- a. Função mantenedora da educação: a continuidade da espécie humana ocorre através da aprendizagem de normas que regem a ação possível;
- b. Função socializadora da educação: o indivíduo como ser social, como parte do grupo quando se submete ao mesmo conjunto de normas;
- c. Função repressora da educação: instrumento de controle que tem por objetivo conservar e reproduzir as limitações que o poder destina a cada classe ou grupo social, segundo o seu papel socioeconômico. Não é reconhecida como repressora na medida em que, através dela, o sujeito torna-se depositário de um conjunto de normas que passa a assumir como sendo sua própria ideologia;

- d. Função transformadora da educação: revelação, por parte de grupos, de formas peculiares de expressão revolucionária a partir de mobilizações primariamente emotivas advindas das contradições do sistema.

Em resumo, em função do caráter complexo da função educativa, a aprendizagem se dá simultaneamente como instância alienante e como possibilidade libertadora.

O alcance da psicologia é delimitado aos fatores que determinam o não-aprender no sujeito e pela significação que a atividade cognitiva tem para ele; desta forma a intervenção psicopedagógica volta-se para a descoberta da articulação que justifica o sintoma e também para a construção das condições para que o sujeito possa situar-se num lugar tal que o comportamento patológico se torne dispensável.

A aprendizagem é constituinte de um efeito e, neste âmbito, trata-se de uma articulação de esquemas dividida em 04 dimensões:

1. A dimensão biológica do processo de aprendizagem: dividida em três tipos de conhecimento, a saber, o das formas hereditárias programadas junto ao conteúdo informativo relacionado ao meio de atuação do indivíduo, o das formas lógico-matemáticas que se constroem progressivamente segundo os estádio de equilíbrio crescente e por coordenação progressiva das ações que se cumprem com os objetos, e o das formas adquiridas em função da experiência, que fornecem ao sujeito informação sobre o objeto e suas propriedades;

2. A dimensão cognitiva do processo de aprendizagem: diferenciada em três tipos, a saber, aquela na qual o sujeito adquire nova conduta baseada no ensaio e erro, a segunda baseada na experiência como função de confirmação ou correção das hipóteses (mecanismos de antecipação e retroação capazes de corrigir a aplicação do esquema e promover a acomodação necessária), e por último a aprendizagem

estrutural, vinculada ao nascimento das estruturas lógicas do pensamento, através das quais é possível organizar uma realidade inteligível cada vez mais equilibrada;

3. A dimensão social do processo de aprendizagem: compreende todos os comportamentos dedicados à transmissão da cultura exercitando, assumindo e incorporando uma cultura particular;
4. O processo de aprendizagem como função do eu (yo): o ego como estrutura que tem por objetivo estabelecer contato entre a realidade psíquica e a realidade externa.

Com relação às condições externas, é comum a criança com problema de aprendizagem apresentar algum déficit real do meio devido à confusão dos estímulos, à falta de ritmo ou à velocidade com que são brindados ou à pobreza ou carência dos mesmos e, em seu tratamento, se vê rapidamente favorecida mediante um material discriminado com clareza, fácil de manipular, diretamente associado à instrução de trabalho e de acordo com um ritmo apropriado para cada aquisição.

As condições internas da aprendizagem fazem referência a três planos estreitamente inter-relacionados. O primeiro é o corpo como infraestrutura neurofisiológica ou organismo que favorece ou atrasa os processos cognitivos e que é mediador da ação. O segundo refere-se à condição cognitiva da aprendizagem, ou seja, à presença de estruturas capazes de organizar os estímulos do conhecimento. E por fim, o terceiro plano se refere às condições internas da aprendizagem que estão ligadas à dinâmica de comportamento.

Podemos resumir a definição de? condições externas? como aquelas que definem o campo do estímulo e? condições internas? as que definem o sujeito. Ambas podem ser estudadas em seu aspecto dinâmico, como processos, e em seu aspecto estrutural como sistemas de forma que, a combinatória de tais condições nos leva a uma definição operacional da aprendizagem, pois determina as variáveis de sua ocorrência.

O problema de aprendizagem pode ser considerado como um sintoma, um sinal de descompensação. Assim, o seu diagnóstico está constituído pelo seu significado.

Os fatores fundamentais a serem levados em consideração no diagnóstico de um problema de aprendizagem são:

1. Fatores orgânicos: integridade anatômica e de funcionamento dos órgãos, funcionamento glandular, alimentação e condições de abrigo e conforto entre outros fatores;

2. Fatores específicos: refere-se a certos tipos de transtornos na área de adequação perceptivo-motora, em especial aqueles que aparecem no nível da aprendizagem da linguagem, sua articulação e sua lecto-escrita, e se manifestam numa série de perturbações (ex-alteração da sequência percebida);

3. Fatores psicógenos: problema da aprendizagem pode surgir como uma reação neurótica à interdição da satisfação, seja pelo afastamento da realidade e pela excessiva satisfação na fantasia, seja pela fixação com a parada de crescimento na criança;

4. Fatores ambientais: refere-se ao meio ambiente material do indivíduo, às possibilidades reais que o meio lhe fornece, à quantidade, à qualidade, frequência e abundância dos estímulos que constituem seu campo de aprendizagem habitual.

BREVE RELATO (CONCLUSÕES):

Segundo Sara Paín (1986), as modalidades de aprendizagem do indivíduo, por sua vez, dependem das modalidades de inteligência.

O estudo dessas modalidades vem da análise realizada por Piaget acerca do movimento de acomodação e do movimento de assimilação que o sujeito realiza, para adquirir as primeiras aprendizagens assistemáticas, e que caminharão com ele até chegar às aprendizagens sistemáticas, cujos aspectos positivos e negativos dependerão da maneira como as relações vinculares permeiam esse processo.

Sara Paín (1986) considera que os referidos movimentos piagetianos, quando perpassados por vínculos negativos, desenvolvem uma forma de aprender caracterizada pelo que a autora chama de hiper e/ou hipoacomodação, ou hiper e/ou hipoassimilação, que construirão, no sujeito, modalidades de inteligência patógena. Para a autora, essas diferentes modalidades são caracterizadas da seguinte maneira: a) hipoassimilação, processo no qual os esquemas de objeto continuam empobrecidos, não permitindo ao sujeito a capacidade de coordenar esses esquemas de objetos; b) hiperassimilação, processo no qual há uma internalização prematura dos esquemas de objeto, em que impera o lúdico, não se permitem antecipações e o pensamento é desrealizado negativamente; c) hipoacomodação, quando não houve respeito pelo ritmo da criança, impedindo-a de repetir tantas vezes quantas necessárias uma mesma experiência; d) hiperacomodação, processo

no qual a imitação predomina, não permitindo que a criança faça uso de suas experiências anteriores.

Sobre essas modalidades patógenas da inteligência, Fernández afirma: “a análise da modalidade de inteligência, em seu operar, permite-nos chegar a certas conclusões sobre a modalidade de aprendizagem e a estabelecer correlações com determinadas patologias. Dessa maneira pode ser útil para realizar diagnósticos diferenciais (sintoma–inibição–problema de aprendizagem reativa–Oligofrenia–oligotimia)” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 110 e FERNÁNDEZ, 2001, p. 84).

Há um outro aspecto que o psicopedagogo deverá considerar: o processo ensino–aprendizagem é sempre um caminho de duas mãos. Dessa forma, uma modalidade de ensino é construída da modalidade de aprendizagem, podendo-se assim supor que a não-aprendizagem do aluno pode caracterizar-se por uma modalidade de ensino patogênico do professor. As modalidades de aprendizagem que interferem nesse processo dizem respeito não exclusivamente ao aprendente, mas também ao ensinante. Isso nos leva a refletir sobre nossa própria modalidade de aprendizagem e, dessa forma, podemos compreender que significado um processo de avaliação pode ter para nós, educadores.

Dando continuidade à análise sobre uma avaliação psicopedagógica que não se baseia no que a criança está sem condições de fazer sozinha, agora, mas no que ela é capaz de fazer com a ajuda de um mediador, discorreremos sobre a teoria da modificabilidade cognitiva estrutural.

Para entender o que Feuerstein chama de modificabilidade cognitiva estrutural, faz-se necessário compreender os termos que o autor utiliza em sua teoria. Abriremos um parêntese para explicar tais termos.

Feuerstein considera a modificabilidade não apenas como conceito de mudança. Para ele, implica a capacidade ou possibilidade de ser modificado. Nessa concepção, significa rever o conceito de inteligência, tomando como pressuposto as variáveis do rendimento do indivíduo numa situação de teste e em outras situações. Feuerstein percebe que, numa situação formal de teste, o indivíduo pode apresentar um retardo, que não ocorreria numa situação cotidiana, social ou escolar. Mostra que, nessas situações, o rendimento do indivíduo é maior. Por isso seu conceito de inteligência é a propensão ou potencial para mudança, para adaptar-se a novas situações, aprender o que é desconhecido com um mínimo custo ou dispêndio de energia. A modificabilidade refere-se à vida mental e aos aspectos internos, cognitivos, que, para ele, não são predizíveis e regulares. O conceito de modificabilidade conduz a uma visão dinâmica, considerando os aspectos interacionais Vygotsky anos do funcionamento intelectual.

Por que cognitiva? Para Feuerstein, a cognição não é o único aspecto modificável do ser humano, nem o único que influi no comportamento. Ele ressalta a importância da cognição, afirmando que a aptidão para pensar tem um papel central no processo de modificabilidade e adaptação do indivíduo. Considera a cognição o ponto de partida que irá refletir nos aspectos emocionais e motivacionais. Isso porque: a) o campo cognitivo é muito estruturado e mais fácil de analisar de forma sistemática; b) os casos de inadaptação social e escolar têm relação com aspectos do pensamento e do afeto; c) o indivíduo, ao se sentir invadido em sua individualidade, resiste a uma intervenção; d) a carência de linguagem rica e precisa não permite a tradução dos sentimentos e emoções do indivíduo.

CONCLUSÃO

Pain faz um levantamento importante no seu texto que é o fato da ignorância necessária para a aprendizagem, ignorância esta que não pode ser confundida com um ato de arrogância, mas sim como um sentimento que mantém viva a ânsia pelo conhecimento. Sendo assim, a ignorância é à base de todos os conhecimentos e aprendizados que temos hoje, pois pessoas tiveram a curiosidade de aprender ou então de descobrir e desta forma passando para seus descendentes.

O organismo é a base de todos os conhecimentos, pois é ele que desenvolve as ações que realizaremos ou que guardaremos desta forma os professores devem incentivar e estimular estas ações nos alunos para que estes tenham um bom desempenho na aprendizagem. Sendo assim, o organismo é muito importante na automatização, pois esta é importante para realizar tarefas e para construção de palavras automaticamente.

REFERÊNCIAS

Teoria e Técnica da Arte-Terapia. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-arte-de-ensinar/58757> Disponível em 24/04/2022.

[file:///C:/Users/thomaz-abdalla/Downloads/claudiab,+4330-19100-1-CE%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/thomaz-abdalla/Downloads/claudiab,+4330-19100-1-CE%20(1).pdf) Disponível em 20/04/2022.